

# Causas da fome em Cabo Delgado

por Remigio Membe

**A província de Cabo delgado potencialmente rica para a agricultura, está este ano mergulhada numa fome séria tendo já registado pelo menos 20 mortos.**

Nenhuma cultura sobreviveu da aparente seca e de um conjunto de pragas. As primeiras chuvas só caíram na segunda quinzena de Dezembro, quando normalmente deviam irrigar a terra na segunda quinzena de Novembro. O atraso foi sensivelmente de um mês, para além de que, as mesmas caem numa quantidade inferior, 27,5 milímetros, contra uma média necessária de pelo menos 60 milímetros. Logo à partida, não estavam criadas condições atmosféricas favoráveis para o desenvolvimento das culturas.

A partir da segunda quinzena de Dezembro, o gráfico de precipitação sobe, atingindo em Janeiro 132 milímetros. As chuvas eram constantes e torrenciais, não permitindo nem a sacha e nem o próprio desenvolvimento das plantas. A partir de Fevereiro até finais da primeira quinzena de Março, a chuva baixou gradualmente de intensidade, tendo parado definitivamente com uma precipitação de 26 milímetros.

Atendendo a que normalmente as chuvas em Cabo Delgado só terminam em Abril ou Maio os camponeses que perderam as culturas devido ao excesso da chuva apontam na preparação de terras para a transplantação do arroz e para a sementeira de feijões.

Nesta altura, o milho tinha ganho efectivamente a altura mas as espigas só se desenvolveram. As

mandioqueiras estavam completamente podres. O arroz estava amarelado mas ainda alimentava a esperança. Os feijões foram em vão lançados à terra. Nalgumas zonas murcharam antes da floração enquanto noutras, as vagens secaram. A mapira, cultura de longo ciclo e de certo modo resistente à seca, arrebatando bandeiras, mas sem conteúdo.

Nalgumas zonas da província de Cabo Delgado, a irregularidade das chuvas ficou associada às pragas, nomeadamente caracóis, lesmas, ratos e gafanhotos, como é o caso dos distritos de Ancuabi, Chiure, Macomia, Montepuez, Quissanga, Pemba-Metuge, Balama e Namuno, estes dois últimos considerados celeiros da província.

Em Quissanga, Meluco e partes de Macomia e Muidumbe, os elefantes e macacos devoraram em grande medida a produção dos camponeses.

O chefe do serviço provincial da agricultura e o coordenador do PESO-Programa de Emergência para Sementes e Utensílios Agrícolas, Manuel Sahale, disse ao SAVANA que os índices de colheita registados na presente campanha apenas servem para justificar uma fome dramática no seio dos camponeses. Os distritos mais afectados e quase sem possibilidade de se comercializar alguma coisa, são Ancuabi, Mecuti, Quissanga, Meluco, Mocimboa da Praia, Palma. Em Namuno e Balama, também a situação é das piores sobretudo nos postos administrativos de Kueku,

Impire bem como na área de Mecuti, em Balama.

Nos distritos referidos, há camponeses que voltaram das machambas sem o mínimo da colheita, vivendo exclusivamente de donativo do DPCCN ou então resultantes da solidariedade dos restantes membros da comunidade ou familiares.

O governo da província de Cabo Delgado quase sem recursos para corrigir a situação já lançou um apelo à comunidade doadora para a sua intervenção. Até ao momento, apenas o PMA disponibilizou uma parte do milho, mas as autoridades consideram a quantidade insignificante.

Algumas fontes ligadas a instituições de auxílio humanitário afirmam que a crise alimentar pode criar mais óbitos quando concluída a comercialização já iniciada a 1 de Junho, porque, os camponeses têm a tendência de vender tudo do que guardar uma parte. Aliado a isto, os agentes económicos de certeza procurarão fazer o melhor de si, comprando toda a pequena produção camponesa e colocando-a no mercado que acharem mais rentável.

Na maioria dos distritos da província de Cabo Delgado, aguarda-se igualmente uma maior crise de água. As fontes tradicionais e construídas pelo estaleiro provincial de água rural não possuem líquido suficiente.

Quanto aos rumores segundo os quais, a fome declarada pelo governo de Cabo Delgado constitui uma simples propaganda para atrair donativos, o chefe de serviços da agricultura, disse que trata-se de uma acção que poderá trazer consequências dramáticas. Muitas famílias estão algemadas pela fome.

acrescentou Manuel Sahale.

De acordo com várias opiniões de camponeses e pessoas ligadas à agricultura sobre a questão, acredita-se que haja uma fraca capacidade de argumentação do governo provincial à comunidade doadora sobre a dimensão da fome que está entre a população.

"Os estudos feitos por uma missão de FAO em Maio passado foram superficiais. Não se pode acreditar com relatório de missão do FAO que afirma que 14 auto-reparatórios de Tanzânia em Mueda e cinco menores, do distrito de Ancuabi, tenham morrido por razões de várias doenças e não da fome.

Quantas pessoas morreram de doenças e ninguém alega a fome?"—interrogaram-se.

Relativamente à presente campanha, há a assinalar o facto de os factores de produção, como sementes e utensílios, terem sido colocados em devido tempo. Entretanto, parte dos dados referidos neste trabalho foi extraído nos relatórios mensais do "sistema nacional de aviso prévio para a segurança alimentar"—um projecto do FAO que trabalha em coordenação com os institutos de investigação Agrária e de Meteorologia sediados em Maputo.

Conforme a referência do trabalho anterior, algumas

famílias estão a alimentar-se basicamente de tubérculos selvagens. Nas unidades sanitárias das zonas afectadas pela fome são frequentes casos de anemia, como aqueles que em Ancuabi vitimaram pelo menos cinco crianças.

Mas a situação pode ser muito grave no posto administrativo de Negomano em Mueda, onde não há acesso via rodoviária e nem se vislumbra a possibilidade de uma ponte aérea.

Portanto, está-se perante uma fome séria do que propriamente a alegada propaganda do DPCCN para atrair donativos. ■